



PROCESSOS FORMATIVOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA: O TRABALHO DE CAMPO EM LAGOINHA E MORRO DA TORRE, MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS, RJ.

Bruna da Silva Cavalcante Bosio

bosiobc@gmail.com

Ana Maria Marques Santos

anmarques.ufrjr@gmail.com

Resumo

Este trabalho se propõe a avançar no debate formativo sobre o potencial do trabalho de campo no ensino de geografia. O lócus da pesquisa teve sua origem nas experiências das propostas de estágios supervisionados. A partir de grupos de trabalhos, realizados por estudantes em formação, se realizou a escolha do lugar, pelo lugar de vivência dos alunos do ensino fundamental, segundo segmento, do Colégio Estadual Irineu Marinho, localizado no bairro do Centenário, Duque de Caxias, RJ. Tendo como metodologia, a busca de um olhar geográfico, que pudesse desvelar e descobrir possíveis potenciais do lugar, desenvolvemos o trabalho de campo, para o ensino da disciplina de Geografia, de forma ampliada a uma geografia crítica da cidade-lugar-território. O trabalho foi realizado no período de dois semestres e envolveu estudantes em formação no curso de geografia, incluindo esta pesquisadora sob orientação. Propusemos-nos a pensar os lugares e suas geografias, e que estas podem ser usadas para um ensino de geografia escolar mais encarnado e potente em sua inscrição social. O lugar de vivência dos alunos pode ter potencial para tornar o ensino-aprendizagem de geografia mais significativa, acessível e contextualizada, para os estudantes. O Bairro de Lagoinha é uma localidade do bairro do Centenário, Duque de Caxias, RJ, que assim se denomina, porque nele existia uma lagoa. Segundo os relatos de campo, de moradores, as crianças tomavam banho e se divertiam. O Morro da Torre fica próximo da Lagoinha, nesse lugar é possível ter uma visão de toda Bacia hidrográfica da Baía de Guanabara, RJ. Atualmente, dada a atual urbanização, a lagoa não existe, e no lugar, a prefeitura fez uma praça. Entretanto, é possível identificar sua formação geomorfológica. Nessa direção, os conceitos de Lugar (NEVES, 2010), Paisagem (NEVES, 2010), Espaço (SANTOS, 2012) e Região (Região Metropolitana do Rio de Janeiro), foram nossos nortes nesse estudo, assim como os temas: Relevo, Ilhas de Calor, Bacia Hidrográfica, Urbanização e Localização. Nesse contexto, objetivamos referendar o trabalho de campo em si e por si, guardas suas metodologias que o encaminhem para um educar do olhar (GUEDIN & FRANCO, 2008), um sentido de ver a geografia no lugar de vivência dos seus, sejam eles estudantes, professores, moradores, conduzindo-os a um lugar de vivência dos conteúdos, conceitos e temas geográficos. Enfim, conduzindo-os à vida.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Formação de Professores; Trabalho de Campo.

Introdução

Mas o senhor é geógrafo.

- É claro, disse o geógrafo; mas não sou explorador.

(O Pequeno príncipe)

O príncipezinho passou por alguns planetas e conheceu alguns homens; rei, astrônomo, homem de negócios, acendedor de lampião, mas foi no geógrafo que reconheceu uma grande profissão! Neste trecho do livro o “pequeno príncipe”, estamos diante de uma separação: o geógrafo, aquele que tem conhecimento; o explorador, aquele que vai a campo e tem o conhecimento empírico. Mesmo com a admiração do pequeno príncipe em dizer que aquela era uma grande profissão, o geógrafo se achava importante demais para ir a campo, ele era um burocrata.

Além disso, é notório que vivemos em meio a uma crise de larga escala. Não a que está vinculada pela mídia apenas como crise econômica, mas sim uma crise social, urbana, crise nas relações sociais e crise escolar. O que é reproduzido geração após geração, é uma sociedade de consumo programada, onde as necessidades individuais são mais importantes. Isso se reflete na escola, na vida das crianças e jovens que a frequentam.

As evidências de que vivemos uma crise social dentro da escola apareceram durante os estágios obrigatórios que consistiam em observar turmas de ensino fundamental e médio em escolas públicas. Durante as aulas os alunos demonstraram dificuldade de entender alguns temas de geografia, os mesmos eram impalpáveis, distante da realidade dos alunos. Ao ser tão distante da realidade a geografia fica enfadonha e apenas decoreba. Como na frase de Lacoste “Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...” (LACOSTE, 1988, p.9) Um aprendizado acrítico e tradicional, onde o aluno apenas recebe as informações, mas não há a problematização dos conteúdos. O professor fica preso ao que se deve ensinar (currículo mínimo) e cabe aos alunos decorar as informações passadas pelo professor e o que tem no livro didático. Informações essas que serão usadas nos testes e provas. Então a disciplina fica sem sentido, é só mais uma matéria obrigatória que vale nota para conseguir um diploma, sem que contribua para formação crítica do cidadão.



Nesse contato com a escola real, com alunos e professores reais que surgiram as inquietações para elaboração deste trabalho. Questões surgiram: como fazer com que a geografia deixe de ser distante e sem sentido para os alunos? Como aproveitar a vivência, a prática social do aluno para ensinar geografia? Como fazer com que o aluno descubra que a realidade não se explica por ela mesma, que existem intencionalidades e discursos por trás da realidade? Como mostrar a importância do conhecimento geográfico? Como utilizar os conhecimentos geográficos para formar cidadãos críticos? No livro *Pedagogia da Autonomia* FREIRE (2011, p.24) diz que “os formandos têm que se convencer de que ensinar não é transferir conhecimento”. Os alunos não são depósitos de informações onde os professores apenas transferem os conhecimentos, na verdade é preciso também aprender com os alunos. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2011, p.25)”. Como ensinar e aprender geografia? Como deixar de ser um educador “bancário” e ser um educador democrático, despertando assim a “curiosidade epistemológica” nos educandos?

Concomitante a essa experiência de observação de turmas no estágio, foram elaborados trabalhos de campo, com escolha de local, planejamento, escolha dos conteúdos a serem abordados e série. A turma de Estágio Supervisionado II da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF foi dividida em grupos e os trabalhos de campo foram colocados em prática. Foi de extrema importância ter uma disciplina na graduação que propôs não só fazer o trabalho de campo, mas que também demonstrou como essa ferramenta contribui no processo de ensino aprendizagem. Para os alunos da graduação o trabalho de campo fazia muito sentido. O trabalho de campo, é onde temos a possibilidade de ver na prática tudo que aprendemos no curso de geografia.

Este trabalho consiste em verificar as possibilidades que o trabalho de campo como ferramenta de ensino e aprendizagem oferece ao professor do ensino básico, para fazer com que a geografia deixe de ser apenas mais uma matéria obrigatória e sem sentido para ser uma matéria que ajude a formar um cidadão crítico.

Metodologia

A geografia teve seu início com a empiria, à descrição das paisagens e lugares feitos pelos viajantes, naturalistas. Pesquisas e relatórios de campo configuraram as bases da ciência

geográfica. Basicamente o trabalho de campo consiste em ir a campo para obter informação empiricamente. Cioccarri assim define o trabalho de campo:

O trabalho de campo pode ser definido pela observação de fatos e fenômenos concretos, que recorre à ideia de primeira e segunda natureza, assim como a coleta de dados referentes aos mesmos, que enfatiza a análise e a interpretação, tendo como base uma fundamentação teórica que leve a compreender e explicar o objeto de estudo (CIOCCARI, 2013).

Ao elaborar um trabalho de campo o professor deve escolher um lugar que possibilite trabalhar os conceitos e conteúdo que ele está dando ou vai dar em sala de aula. O lugar deve ser pensado de acordo com a faixa etária dos alunos, ou seja, um trabalho de campo muito longo, com trilhas de difícil acesso pode não ser interessante para alunos muito novos. A quantidade de alunos também deve ser considerada. Após escolher o lugar de acordo com a faixa etária e os conteúdos que serão tratados, o próximo passo seria ir até o local escolhido.

Mesmo que o lugar seja um museu, onde têm guias e roteiros programados próprios, o professor deve conhecer e verificar todas as possibilidades de ensino dos conteúdos escolhidos que o museu oferece. Verificar o tipo de transporte que será necessário, o tempo de trajeto da escola até o lugar. Se será necessário agendar dia e horário para uso do lugar. Calcular o tempo de duração do Trabalho de campo. Se os alunos terão que levar lanches, água, filtro solar, boné e etc. Informar a escola sobre o projeto do trabalho de campo, justificando e mostrando a importância do mesmo para a aprendizagem da turma. Conversar com outros professores para negociar uma data. O ideal seria a participação desses professores no desenvolvimento e realização do trabalho de campo, pois trazem diversas contribuições com as suas disciplinas. Buscar as autorizações necessárias para a realização do trabalho de campo. Envolver os alunos na elaboração do trabalho de campo. Os alunos devem estar cientes de qual é a finalidade. O que é o trabalho de campo e para que vai servir. Em que o trabalho de campo vai contribuir para aprendizagem da geografia. Orientar os alunos antes que o trabalho de campo aconteça a manejar os materiais que serão usados no trabalho de campo, como bússola, mapas, etc.

Elaborar um roteiro com as paradas que vai fazer durante o trabalho de campo, os conteúdos que serão abordados, atividades que serão realizadas, os materiais que serão necessários como bússola, mapa e a caderneta de campo. Fazer um levantamento histórico do local. Claro que sempre poderão surgir imprevistos, mas o roteiro auxilia o professor a retomar



o foco do trabalho de campo. O professor pode pedir que os alunos levem uma caderneta de campo individual e nela anotem tudo de importante que ouviu, assimilou ou dúvidas durante o campo. Essa caderneta pode ser usada nas aulas posteriores ao campo.

Fazer um trabalho de campo não é fácil. Requer muito empenho e dedicação do professor, porém os resultados que se tem de ganho no aprendizado da geografia compensam o esforço.

As imagens deste trabalho foram feitas no dia do campo, algumas fotos tiradas pela autora e outras por Priscila Medeiros que autorizou o uso. Os desenhos foram feitos pelos alunos da Disciplina de Estágio II (Amauri e Felipe) e pelo filho da autora, Davi Mateus, na época com 6 anos. Todos os desenhos e imagens usadas com autorização.

Trabalho de Campo Lagoinha e Morro da Torre.

Inicialmente o grupo visitou o lugar para conhecer melhor e verificar as possibilidades que o lugar oferecia de ensino e aprendizagem de geografia. Assim fizemos um roteiro com os trajetos, as possíveis paradas e os conteúdos que iríamos tratar.

Roteiro:

Tema: Urbanização desordenada da Baixada Fluminense e a relação com a Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara.

Local: Lagoinha que fica na Vila Centenário, Duque de Caxias, RJ. Trabalho de Campo para alunos do sexto ano, faixa etária 11 anos.

1ª Parada: Início da Rua Guiomar.

- Visualizar e debater sobre os problemas ambientais, como o lixo na encosta. Observar a ação do intemperismo e erosão através de um fragmento de rocha exposta.

- Atividade: que os alunos tirem fotos e usem objetos como uma caneta, para servir de escala caso seja necessário.

- Pedir que os alunos anotem na caderneta de campo todos os problemas ambientais visualizados.

2ª Parada: Lagoinha

- Visitar a associação de moradores da Lagoinha e Partes altas.

- Entrevistar a moradora Dona Dina, uma das mais antigas da localidade.
 - Verificar como se forma a lagoa, a dinâmica geomorfológica dos morros para a formação da mesma
 - Atividade: fazer um desenho de como a lagoa se formava e de onde a água viria. 3ª Parada: Morro da Torre
 - Observar a paisagem e visualizar a bacia da Baía da Guanabara.
 - Se localizar com ajuda de uma bússola e a carta topográfica da região.
 - Visualizar os divisores topográficos: Maciço da Tijuca, Serra de Madureira, Mendanha, Serra de Miguel Pereira, Serra de Petrópolis, Serra dos Órgãos.
 - Através da visualização da paisagem, fazer a diferenciação de áreas, lugares mais urbanizados e menos urbanizados.
 - Atividade: em uma folha de papel fazer um croqui com a indicação dos municípios ao redor do Morro da Torre.
 - Atividade posterior ao campo: reunir todas as informações sobre os problemas ambientais, as fotos, os desenhos e o croqui e montar uma exposição na escola. Um mural.
- Materiais utilizados: Carta topográfica Vila Militar 1:25.000, bússola, papel ofício, lápis, borracha e celular com GPS.

O trabalho de campo foi realizado no dia: 04 de dezembro de 2014, os alunos de Estágio II, junto com a professora Andrea Paula, partiram da FEBF a pé, uma caminha de trinta minutos até chegar ao bairro do Centenário. A primeira parada foi na Rua Euclides da Cunha destino Rua Guiomar que vai dar na Lagoinha. Foram verificados alguns problemas ambientais como: lixo jogado na encosta e ocupação irregular próximo as torres de energia da Light. Chegando à Lagoinha foi explicada a formação da antiga lagoa que ali existia. Entrevistamos a moradora dona Dina 86 anos, ela mostrou onde ficava a lagoa, que agora se localiza a praça da Lagoinha. Relatou que a água era limpa e que crianças brincavam nela, com o passar do tempo a água começou a ficar turva, criadores de porcos deixavam os bichos soltos e eles entravam na lagoa para se banhar isso fez com que a água ficasse cada vez mais turva, depois foi usada na construção das casas dos moradores mais antigos, até ser aterrada e transformada em praça.

Abaixo a Praça da Lagoinha onde havia uma lagoa até a década de 80. Figura 1:



Figura 1 Praça da Lagoinha. Fonte: elaborada pela autora, 2014.

Na praça foi proposto aos alunos que fizessem um desenho de como seria a lagoa. Como ela poderia ser formada. Abaixo alguns dos desenhos feitos, figuras 2 e 3:



Figura 2 Croqui feito por Davi, 6 anos, 2014.



Figura 3 Croqui feito por Amauri e Felipe, 2014.

Caminhamos em direção a próxima parada, o Morro da Torre que possui este nome por ter uma torre de transmissão de energia da Light (distribuidora de energia dessa região), o lugar mais alto da localidade. Com o auxílio da bússola e da carta topográfica fizemos a localização de vários elementos da paisagem, como a Baía de Guanabara e os municípios da Região metropolitana do Rio de Janeiro. Explicamos sobre a dinâmica da Bacia da Baía de Guanabara, onde todas as águas dos divisores topográficos escoam para a Baía de Guanabara, foram

discutidos os processos de enchentes. Realizamos a atividade de localizar as coordenadas geográficas através do GPS do celular.

No morro da Torre foi feita também a atividade de localizar os municípios limítrofes com Duque de Caxias na Região metropolitana (Belford Roxo, Nova Iguaçu, São João de Meriti), uma vista de 360° da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara. Podem ser vistos: Baía de Guanabara a leste, a sul municípios da Baixada Fluminense e Divisores topográficos: Maciço da Tijuca e Mendanha, a oeste têm Nova Iguaçu e Serra de Madureira e ao norte temos Serra dos Órgãos e Região Serrana.



Figura 4 Atividade de localização. Fonte: Priscila Medeiros, 2014.



Figura 5: Vista Leste da Baía de Guanabara Fonte: Elaborado pela autora, 2014.



Figura 6 Vista Norte Região Serrana, conforme destacado pelas setas. Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Após a realização dessas atividades terminamos o trabalho de campo, nos reunimos e debatemos alguns erros da realização do trabalho de campo. O primeiro erro constatado foi a

escolha do ano; o sexto ano do ensino fundamental possui alunos muito novos e a caminhada realizada ficou cansativa e isso poderia atrapalhar a realização do trabalho de campo. A sugestão seria mudar para o primeiro ano do Ensino Médio, onde os alunos seriam mais velhos e mais maduros e o conteúdo coincide com o conteúdo abordado em campo. Outra sugestão seria começar se localizando com o mapa e a bússola e ir primeiro para o Morro da Torre, onde partiríamos de uma escala maior e depois Lagoinha onde a escala é menor.

Pontos positivos foram o de utilizar o lugar de vivência da autora que é estigmatizado por ser um lugar violento, mas que possibilita abordar vários temas e conteúdos da geografia e o de resgatar parte da história local com os moradores, sobre a existência passada de uma lagoa e o modo de vida que se tinha no local.

Considerações Finais

Trazendo o trecho do Pequeno Príncipe sobre o explorador para nossa profissão, professor de geografia, além de geógrafos, somos professores, aquele que ensina e aprende ao ensinar. Fazer um trabalho de campo nos traz a oportunidade de unir os três em um só e assim deixar de ser apenas aquele que tem o conhecimento, deixar de ser um burocrata. O campo aproxima aluno e professor, então o geógrafo professor deixa de ser aquela figura distante e burocratizada, para junto com o aluno gerar mais conhecimento. Tudo vai depender do olhar, olhar para dentro de si mesmo e se vê como, geógrafo/ explorador/professor. Fazer com que a geografia faça sentido para ambos, o professor que vai deixar de ser mero transmissor de conhecimento, e o aluno que vai descobrir que a geografia é um conhecimento necessário para ele e para a sociedade.

O trabalho de campo não consiste em uma fórmula mágica que vai solucionar os problemas do ensino de geografia no ensino básico, mas é uma ferramenta que deve ser considerada para ajudar o professor a trazer sentido para a disciplina. Mas também não deve ser usado sem um objetivo que é trazer significado para os conceitos e conteúdos da geografia.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 43 Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Questões de Método na Construção da Pesquisa em Educação**. São Paulo: Cortez, 2008.



LACOSTE, Yves. **A geografia**: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra. 5ª Ed. Campinas: Papyrus, 2001.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os Trabalhos de Campo no Ensino de Geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Yida; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAINT-EXUPERI, Antoine. **O pequeno príncipe**. Disponível em: <<http://www.portaldetonando.com.br>>

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5ª Ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2012.